

## **GT 9 - Cartas Pedagógicas e Educação: um convite aos diálogos multidisciplinares**

### **Olhar-elevador: Ver e Ouvir as Infâncias desde Outras Alturas**

Maria Claudia Bezerra Trindade<sup>1</sup>

Patrícia Ignácio<sup>2</sup>

Buenos Aires, Argentina / Natal, Brasil, 18 de novembro de 2025.

Para aqueles e aquelas que fazem a educação,

Escrevemos movidas por um conjunto de cenas que uma das autoras vivenciou dentro de um elevador. À primeira vista, nada ali parecia matéria de reflexão pedagógica: um shopping, vozes dispersas, o sobe e desce mecânico em um dia comum – ou pelo menos, até então. Mas, pelo reflexo do vidro, havia algo: no térreo, um contêiner montado como exposição sobre a vida marinha, daqueles que contam histórias com imagens e luzes. Dali, do alto, era possível ver as crianças com suas famílias, aguardando na fila para entrar na proposta imersiva. E, no próprio elevador, entre uma ida e outra, três pequenas cenas, cada qual com suas diferenças, possibilitam a abertura de um campo de perguntas.

Na primeira vez, uma menina repetia baixinho para si mesma ao ver a figura do oceano estampada no contêiner: “Isso não é água, é apenas a sombra.”. Daí a potência de pensar essa frase: não parecia negar e ignorar, estava a analisar. Ela buscava nomear o que via, descobrir algo entre ilusão e projeção. Aquela criança investigava o mundo com a coragem tranquila, sem duvidar da própria percepção. Quantas vezes, na escola, olhamos para esse impulso e o traduzimos logo em erro? Quantas outras deixamos de reconhecer que há saberes, há ciência, sensibilidade nas perguntas que as crianças fazem sozinhas? Aqui ecoamos Santomé (2011), ao lembrar que vozes pertencentes a grupos historicamente marginalizados tendem a

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, [maria.trindade.102@ufm.edu.br](mailto:maria.trindade.102@ufm.edu.br);

<sup>2</sup> Doutora em Educação, (orientadora), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), [patricia.ignacio@ufm.br](mailto:patricia.ignacio@ufm.br).

ser silenciadas ou deformadas pelas estruturas de poder que definem o que conta como conhecimento legítimo. As infâncias, sobretudo aquelas atravessadas por desigualdades, também sofrem esse apagamento. Nesse bordado de perguntas, recorremos a Larrosa (2017, p. 173), quando afirma que a verdade da infância não se define pelo que dizemos sobre ela, “[...] mas no que ela nos diz no próprio acontecimento de sua aparição entre nós, como algo novo”.

Na segunda cena, outra criança, curiosa, perguntou à mãe o que era aquilo. Não recebeu resposta. A pergunta pareceu cair no chão como algo solto, ou nada. A criança silenciou, desviou o olhar, desistiu. Esse momento encontra uma rachadura conhecida: quando as perguntas das crianças não encontram escuta, para onde vão? A sensação que há é de um elevador estancado. E se na escola, nossos espaços, nossos gestos adultocêntricos, também produzem esses silêncios? O que perdemos quando interrompemos uma curiosidade pulsante? Quantos mundos deixamos de acessar quando uma infância desiste de olhar de novo? O que fazemos das infâncias quando transformamos suas perguntas em ecos sem retorno? Não se trata de olhar o silêncio como uma negatividade, ele também é espaço de reflexão, de construção. Mas, existem silêncios que não acolhem, apenas interrompem a viagem do elevador.

É necessário pensar que cabe a nós criar, ou tentar movermos a pensar em frestas que permitam a circulação das perguntas e dos olhares infantis. Como também, a confluência do retorno da curiosidade é necessária. Entendemos que é responsabilidade das nossas práticas garantir que a infância não seja levada tão cedo a desistir de interrogar o mundo, nem a acomodar-se às respostas prontas que, muitas vezes, oferecemos sem perceber.

Rocha (2008) nos convoca a compreender que aquilo que as crianças fazem, sentem e pensam sobre sua vida e sobre o mundo não se dá à margem das estruturas e dos sentidos produzidos pelos adultos. Ela também nos lembra, com força necessária, que “as crianças não só reproduzem, mas produzem significações acerca de sua própria vida e das possibilidades de construção de sua existência” (p. 46, 2008). Ou seja, há existências infantis que insistem/resistem, há um trabalho de criação que se faz apesar e através das molduras adultas.

Na terceira cena, subindo para o segundo piso, uma menina apontou para uma baleia em tamanho reduzido, instalada do lado de fora da exposição e disse: “É uma baleia jubarte. É jovem.”. A mãe, com boa intenção, respondeu: “É como se

fosse pré-adolescente.”. A criança não debateu; apenas voltou a dizer que não era tão grande assim. As infâncias não caminham na mesma cronologia que tentamos lhes impor. Para ela, a baleia era jovem, e isso bastava. Não precisava caber na régua adulta do “pré-adolescente”, nem ser traduzida em fases que não lhe pertencem. A criança sustentava um tempo próprio, uma medida própria, um modo próprio de nomear o seu redor. É nesse deslocamento eloquente que se abre a porta para pensar a alteridade da infância.

Como afirma Larrosa (2017), a alteridade da infância não se explica por uma suposta incompletude que ainda escaparia à captura de nossos saberes, práticas e instituições. Trata-se de algo muito mais radical: a infância como heterogeneidade. Diferença essa que não se deixa abarcada pela vontade adulta de saber, poder e ordenar. A presença enigmática da infância é algo que se esquiva, que inquieta, que põe em suspensão. Inquieta o que julgamos saber, desestabiliza o que presumimos poder e questiona os lugares que construímos para ela. É essa vertigem, esse movimento de ser lançado para fora das medidas, que emerge quando a criança, ao nomear a baleia desde seu próprio tempo, nos lembra que o mundo não se reduz às escalas que produzimos para comandá-lo.

Essa perspectiva larrosiana dialoga com a interculturalidade crítica proposta por Walsh (2009). Ao entender a interculturalidade como processo e projeto voltado à construção de modos outros de poder, saber, ser e viver, Walsh desafia as lógicas dominantes, coloniais, normativas, que pretendem definir o que conta como conhecimento legítimo, como vida válida, como tempo universal. Assim como a infância, em sua alteridade, desorganiza nossas certezas, a interculturalidade crítica exige o enfrentamento dessas hierarquias epistêmicas e ontológicas que naturalizamos. Não se trata de incluir o “outro” nas estruturas vigentes, mas de tensionar as estruturas em si e de permitir que “outros” mundos possam emergir. Nessa dobra entre alteridade e interculturalidade crítica, a infância aparece não como objeto de adequação, mas como presença de possibilidades inéditas de pensar, sentir e viver.

Essas três cenas, tão breves quanto uma viagem de elevador, devolveram perguntas, ainda que inquietantes, que desejamos partilhar com vocês: como temos escutado às crianças? Não apenas o que dizem, mas o que intuem, inventam, compartilham, interpretam? Como temos acolhido suas lógicas, suas formas de conhecer, seus desacordos silenciosos? E, sobretudo, o que nossas próprias

respostas (ou a ausência delas) nos mostram sobre o tipo de educação que estamos praticando? Consideramos, assim, nossas indagações com as perguntas-outras propostas por Kohan e Carvalho (2024, p. 12): “Haverá docentes vibrando com as possibilidades de um devir-pergunta? É o devir-pergunta uma possibilidade de uma docente sensível às potências do perguntar infantil?”. Talvez seja precisamente esse deslocamento: vibrar com o que as crianças fazem às perguntas e com o que as perguntas fazem às crianças. Pensemos então que andarilhar por este pedaço de caminho possa reorientar nossa escuta para além do que pensamos que já sabemos.

Aproximar-se, acompanhar e trabalhar as narrativas das crianças, no percurso do mestrado, em uma pesquisa provisoriamente intitulada “Narrativas infantis sobre relações étnico-raciais nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. O que as crianças nos contam?”, tem nos ensinado que educar não começa quando ensinamos algo às crianças, mas quando aprendemos a ver com elas. A ver a sombra, a escutar o que nos atravessa, a olhar demoradamente e atentamente pelos vidros. É com as crianças que afinamos a lente de um pensar que descoloniza, antes de tudo, a nossa própria mente. Porque as crianças carregam essa imensa e potente filosofia de desinventar o mundo para, então, reinventá-lo; e, ao caminharmos junto a elas, somos também convidadas a reinventar nossas formas de perceber, compreender e estar no mundo.

O ato de educar e de (re)encontrar as narrativas das crianças, portanto, exige que nos retiremos periodicamente do "andar superior" do elevador-adulto, onde impera uma rigidez da certeza, de verdades absolutas e que transformemos nossos espaços educacionais em uma lugares horizontais. Neste encontro de rigor e afeto, convidamos a exercitar o olhar-elevador: aquele que se move e que nos oferece uma nova perspectiva de ver o cotidiano por outras alturas, (re)conhecendo novas/outras possibilidades no que parecia o mesmo.

**Palavras-chave:** Culturas infantis. Narrativas com crianças. Estudos Culturais.

## Referências:

KOHAN, Walter; CARVALHO, Magda Costa. Há docentes à escuta? O devir-pergunta de uma criança que ensina a ensinar. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 40, e86627, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-0411.86627>.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. 6. ed. rev. amp. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2017.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira. **A criança fala**: a escuta de crianças em pesquisas. Editora Cortez, São Paulo, 2008.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: **Alienígenas na sala de aula** / Tomaz Tadeu da Silva (org.) 9. ed. - Petrópolis, RJ : Vozes, 2011 - (Coleção Estudos Culturais em Educação).

WALSH, Catherine. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria (org). **Educação Intercultural na América Latina**: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, PUC-Rio de Janeiro, 2009.

